

13. A MUDANÇA SEMÂNTICA E LEXICAL

Texto traduzido e adaptado de Historical Linguistics: An Introduction (1962) de Winfred P. Lehmann (3ª. edição, 1992 [reimpressão de 1994]. Londres e Nova York: Routledge).

3.1. ESTRUTURAS PARA ENTENDER A MUDANÇA SEMÂNTICA

Ao longo deste curso, veremos quanto a compreensão e explicação da mudança linguística depende de nós dispormos de um aparelhamento teórico e analítico adequado. Como vimos na última aula, no caso da mudança sonora, uma tal estrutura intelectual foi desenvolvida durante o século XIX. Nela, propuseram-se as “leis” – de Grimm, de Grassmann, de Verner, de Sievers, de Wackernagel, etc., - que representam a crescente compreensão dos linguistas do(s) sistema(s) sonoro(s) e o desenvolvimento de uma abordagem cada vez mais abrangente e universalista. Quanto mais informação era colecionada sobre os tipos de sons e os princípios subjacentes estruturantes dos sistemas, processos e interações sonoros, melhor ficavam a formulações das regras e tendências descritivas e explicativas. Esse tratamento continua a ser melhorado constantemente e, conseqüentemente, adequam-se continuamente os modelos da mudança sonora.

O componente sintático da linguagem também exhibe um tratamento parecido ao das estruturas sonoras, embora os desenvolvimentos vividos por ele tenham sido bem mais recentes. Assim, Eduard Sievers e os demais linguistas do século XIX e o começo do século XX se ocupavam com uma estrutura sonora subjacente. No entanto, foi apenas recentemente em comparação que os linguistas começaram a interessar-se pelas estruturas subjacentes do componente sintático da linguagem. Tais investigações surgiram na sua maioria depois do lançamento do programa gerativista no início da década dos 1950 pelo linguista americano Noam Chomsky. Os avanços na análise tipológica foram possibilitados por um modelo sintático proposto inicialmente por Greenberg e trabalhos subseqüentes que abordam a investigação da sintaxe por outros ângulos teórico-analíticos conforme os modelos inventados por Chomsky e seus seguidores da escola generativa.

Para indagar sobre a mudança semântica e lexical, convém dispormos de modelos teóricos e analíticos semelhantes. Tal como já foi realizado nas áreas da fonologia, morfologia e sintaxe, precisamos identificar unidades características entre os significados e a significação de um modo mais geral e devemos tentar constatar quais as relações típicas que se estabelecem entre essas unidades. A tendência histórica no estudo da mudança semântica tem sido descritiva, identificando e categorizando as particularidades. Entretanto, poucos trabalhos foram realizados que visaram a tratar de questões mais gerais. Por exemplo, a palavra latina *avunculus* “tio materno” é uma forma derivada da palavra latina para o avô materno, *avus*. A derivação está totalmente evidente, tal como está o processo de desenvolvimento que levou *avunculus* a ser *oncle* em francês. Embora a evolução externa dos vocábulos latinos não apresente problemas, nenhuma explicação foi proposta para o desenvolvimento semântico que levaria a chamar-se um “tio” algo como “avozinho”. Uma teoria foi proposta recentemente, entretanto, por um estudo dos sistemas linguísticos que dizem respeito ao parentesco. Vários sistemas foram identificados. O sistema em que o irmão da mãe é associado com o avô é conhecido como o sistema de parentesco Omaha. Num grupo de falantes com um sistema de parentesco Omaha, esperamos encontrar o mesmo termo ou termos parecidos para designar tanto o irmão da mãe como para se referir ao avô materno. Essa suposição é paralela à expectativa já notada nos estudos da sintaxe de constatar posposições numa língua de ordem OV, ou de achar a ordem nome-adjetivo em línguas VO.

É preciso ressaltarmos, porém, que tais expectativas podem não realizar-se, tal como observamos no inglês moderno, em que existe a ordem adjetivo-nome numa língua VO. Sempre que nos depararmos com uma língua que não se conforme a tais intuições tipológicas, devemos deduzir que a língua em questão está em vias de mudar e procurar uma explicação. Por conseguinte, o sistema de parentesco no latim tardio estava se transformando no sistema que observamos nas línguas neolatinas atuais, como espanhol, português, italiano e francês. Naturalmente, mudanças no sistema de parentesco levaram a mudanças na terminologia de parentesco. A referência da palavra portuguesa *tio*, tal como *tío* em espanhol, *zio* em italiano e *oncle* em francês não se restringe ao “tio materno”. O sistema de relações de parentesco mudou e com essa mudança os termos adquiriram significados diferentes do termo ancestral latino. Contudo, durante uma determinada época no desenvolvimento das línguas românicas, o sentido desses vocábulos devia ter estado instável, tal como no inglês antigo tardio, em que os termos distintos para “tio paterno” (*fædera*) e “tio materno” (*ēam*) no inglês antigo eram substituídos por uma única palavra, *uncle*, tomado emprestado do francês.

O caso da mudança semântica em *avunculus* pode servir de exemplificação dos procedimentos que seguimos ao tratar da mudança semântica. Identificamos conjuntos coerentes de termos linguísticos que correspondem a conjuntos conceituais. A seguir, examinamos a posição de itens vocabulares individuais como *avunculus* dentro de tais conjuntos. O termo “campo [semântico]” foi introduzido para designar tais conjuntos pelo estudioso alemão Jost Trier (1894-1970), que realizou uma investigação semântica muito influente ao examinar a terminologia para se referir à inteligência e ao intelecto no alemão antigo. Até o presente momento, nenhuma subclassificação do “campo intelectual” foi estabelecido de uma maneira comparável com a subclassificação dos termos de parentesco. Não obstante, é útil focar nossa investigação num conjunto reduzido de termos ao estudarmos a mudança semântica, tal como os do campo intelectual, das cores, do parentesco, dos numerais, e assim por diante.

A observação da mudança semântica nos sistemas de parentesco nos revela uma diferença entre o estudo da mudança semântica, por um lado, e a mudança fonológica ou sintática, por outro. A mudança semântica pode estar estreitamente relacionada com mudanças noutras estruturas sociais. Por exemplo, a mudança de significado que notamos entre *penna* “pena”, “pluma” para “instrumento de escrita” está relacionada à mudança de atividades culturais nas quais as penas de ave vieram a ser utilizadas como instrumentos de escrever, substituindo o cálamo de junco ou de cana e o estilo de metal. Até onde podemos verificar, não há semelhante ligação entre as mudanças sintáticas, morfológicas ou fonológicas, ainda que alguns estudiosos tenham sustentado que tais conexões podem existir. Constatamos também que não todas as mudanças semânticas estão relacionadas a alguma mudança cultural: de modo a exemplificar, não é possível associar a restrição no significado da palavra inglesa *wife* de “mulher”, ainda corrente no cognato alemão *Weib*, a “esposa”, “cônjuge feminina”, a nenhuma alteração na condição cultural ou na posição social das mulheres nas regiões anglófonas.

Sem embargo, muitos traços semânticos salientes numa língua e, conseqüentemente, muitas mudanças semânticas, estão conectados às condições físicas dos falantes de uma determinada língua. Essa observação pode receber apoio das mudanças semânticas que surgem quando os falantes se deslocam para outros lugares. Edward Sapir apresentou um excelente caso disso quando ele demonstrou que os índios navajo do sudoeste dos Estados Unidos migraram a sua atual moradia desde o território atapascano no norte do Canadá (vide Sapir, 1963: 213-24¹). Um desses exemplos é o verbo navajo para “sementes espalhados no chão”: *-sàs*, “[derivado] de *zàs* ou *yàs* subjacente”, (*ibid.*, 216). Para essa palavra, Sapir forneceu a etimologia: **yàxs* do atapascano “neve cobrindo o chão”. A palavra manteve seu significado original nas línguas atapascanas do norte, mas mudou de

¹ SAPIR, Edward (1963). “Internal linguistic evidence suggestive of a northern origin of Navaho”, in David G.

significado de modo dramático quando falantes de atapascano chegaram a uma região onde não nevava. De uma maneira parecida, as palavras *gaivota* e *lobo [guará]*, entre outros, mudaram de significado quando falantes de português trouxeram esses termos para a América do Sul. A conexão entre a mudança semântica e outras mudanças culturais acrescenta uma complexidade ao estudo da mudança de significado que não é encontrada na investigação da mudança em sistemas fonológicos, morfológicos e sintáticos.

Não surpreende, portanto, que princípios gerais não tenham sido identificados para a mudança semântica. Modificações no meio de apontar o significado são associadas à modificações no léxico e, para esse tipo de mudança, podemos propor alguns modelos gerais, como ficará evidente mais adiante neste capítulo. Entretanto, regras foram propostas apenas recentemente e estão restritas a conjuntos pequenos como termos de parentesco. Podemos antecipar mais regras serem formuladas na medida em que a investigação da mudança semântica prosseguir com o mesmo rigor que tem sido aplicado à mudança fonológica, morfológica e sintática.

Para lidar com a complexidade da mudança semântica, três termos são utilizados: (1) a **palavra**, ou **símbolo** linguístico; (2) o **referente** denotado por uma palavra, seja esse concreto como “caneta” ou abstrato como “pensamento”; e (3) a **referência**, ou a noção simbolizada. Cada um desses itens pode mudar, como os casos a seguir exemplificarão. Uma palavra como *ēam* “tio” em inglês antigo pode desaparecer; um referente como uma pena pode ser substituída por um tubo plástico pontudo; uma noção associada a um objeto, como um urso, pode acabar transmitindo o medo e mudanças nas designações podem resultar disso. Ao tratarmos da mudança semântica, os significados de palavras vieram a ser expressos com cada vez mais frequência por meio de traços.

3.2. A MUDANÇA NOS TRAÇOS SEMÂNTICOS

Ao propormos uma estrutura para uma análise semântica, os campos foram analisados em termos de seus traços distintivos. Se examinássemos o sistema de parentesco do português moderno desta maneira, indicaríamos os traços: gênero, geração, linearidade. O conjunto básico de termos de parentesco podem ser apresentados numa matriz da seguinte maneira:

	pai	mãe	irmão	irmã	filho	filha	tio	tia	primo	prima	sobrinho	sobrinha
sexo	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1
geração	0	0	1	1	2	2	0	0	1	1	2	2
linearidade	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1

Uma matriz do mesmo tipo, porém para a língua inglesa moderna, seria assim:

	<i>father</i>	<i>mother</i>	<i>brother</i>	<i>sister</i>	<i>son</i>	<i>daughter</i>	<i>uncle</i>	<i>aunt</i>	<i>cousin</i>	<i>nephew</i>	<i>niece</i>
sexo	0	1	0	1	0	1	0	1	-	0	1
geração	0	0	1	1	2	2	0	0	1	2	2
linearidade	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1

Uma tal matriz nos permite compreender facilmente a mudança semântica. Por exemplo, comparando o sistema do português com o do inglês, notamos que esse sistema não é completamente simétrico porque não existe uma distinção de sexo manifesta na relação “primo/-a” de português. Se esse traço se estendesse ao termo para “sobrinho/-a”, por exemplo, uma mudança semântica seria introduzida. Por outro lado, mais uma distinção semântica poderia surgir para definir o sexo dos sobrinhos: por exemplo, em alemão moderno, um primo é chamado de *Vetter* e uma prima é *Kusine*. Em grego clássico, a palavra *mētrōs* denominava o tio materno e o tio paterno era chamado de *pātrōs*. Posteriormente, o traço da consanguinidade se tornou mais relevante do que o traço de sexo e a palavra *theíos* “tio” (aliás, o étimo direto dessa palavra) foi introduzido para

se referir tanto ao irmão do pai quanto ao da mãe. Aparentemente, mudanças culturais levaram à desconsideração de distinções entre as relações paternas e maternas. A mudança de significado no novo sistema pode ser identificada com precisão se descompusermos o conjunto de termos de parentesco em grego clássico em seus traços distintivos.

Além disso, o uso de traços distintivos num campo semântico pode ser especificado por regras que indicam as relações entre os mesmos. Por exemplo, em latim, a palavra *gener* era utilizada para significar “marido da irmã de um homem” (cunhado) e também para “genro”. Ambas as designações não envolvem mais significados do que as que exibimos acima nas tabelas de termos de parentesco ingleses e portugueses. Contudo, o português e o inglês não têm as mesmas regras que o latim. Essa situação pode exemplificar a necessidade de propor regras que representam tanto o uso de traços distintivos numa determinada língua, como a necessidade de analisar as unidades semânticas em termos de traços. Para a palavra latina *gener*, Floyd Lounsbury apresentou a seguinte regra: “Que o irmão de qualquer mulher, como parente de ligação, seja considerado como sendo igual ao filho dessa mulher, como parente de ligação” (1964: 1089²). Uma vez formalizadas, no simbolismo utilizado para a terminologia de parentesco, a regra se lê +B ... → +s. Esta regra, que Lounsbury descreve como uma regra de distorção assimétrica típica de uma sistema de parentesco Omaha, foi substituída por regras de distorção simétrica bilaterais em italiano, francês, português e espanhol. Essas línguas, como o inglês, distinguem entre os parentes lineares e colaterais, portanto, exibindo termos diferentes para “cunhado” e “genro”.

Esse exemplo pode servir para ilustrar que podemos representar a mudança semântica de uma maneira parecida à mudança fonológica, morfológica ou sintática. Traços podem ser acrescentados ou eliminados, ou regras que expressam as relações entre traços podem sofrer modificações ou desaparecer.

Outras modificações semânticas podem ser compreendidas por meio da análise de traços. Por exemplo, a palavra inglesa *mother* é utilizada não somente como um termo de parentesco, mas também em expressões como *mother-of-pearl* “nacre”, *mother-of-vinegar* “mãe-do-vinagre” e *mother of battles*. Nessas expressões, o traço semântico <+humano> foi eliminado e o traço <+relacionamento> foi alinhado de uma maneira diferente com os outros traços.

Extensões do uso de outras palavras pode exemplificar o debate acerca da mudança de significado desta maneira. O termo *cavalo* usado para se referir a um tipo de banco, por exemplo, também envolve a perda do traço <+animado>. O uso do termo *câmara* para se referir a um corpo de representantes, por outro lado, envolve o acréscimo dos traços <+aminado> e <+humano>. Poucos estudos foram realizados que exemplificam tais regras e seus papéis na mudança dos significados. Os exemplos incluídos no resto deste capítulo, entretanto, podem ser investigados nessa maneira. Ao analisarmos as palavras em traços e ao examinarmos as modificações específicas envolvidas, podemos compreender com maior exatidão a mudança semântica em questão.

3.3. SOBRE A IDENTIFICAÇÃO DA MUDANÇA DE SIGNIFICADO

A mudança é facilmente observável em qualquer língua pela qual possuímos uma série de textos. De modo a exemplificar isso, podemos citar *persona*, uma palavra sobre a qual uma mudança de significado considerável pode ser substanciada nos vários milênios durante os quais esse vocábulo e seus reflexos estão atestados em latim e textos ingleses. Quando encontramos *persona* pela primeira vez, o termo significa “máscara”. No teatro romano, as máscaras eram utilizadas sobre o palco, e variava conforme os papéis. Em breve, *persona* veio a significar o “personagem expresso pela máscara”, a seguir, um “personagem” tal qual ou um “papel numa peça”. Dessa

² LOUNSBURY, Floyd (1964). “The structural analysis of kinship semantics”, in Horace G. LUNT (ed.), *Proceedings of the Ninth International Congress of Linguistics*. The Hague: Mouton, 1073-93.

posição, desenvolveu-se o significado “representante de um personagem”, logo um “representante em geral”. Para nós, o significado central é “representante da espécie humana”. Em inglês, surgiu um significado periférico que quer dizer “representante da Igreja” (*parson*), em que conserva a pronúncia que encontramos em palavras como *Derby* (em inglês britânico), ou seja, [dɑ:bɪ], e está escrita em conformidade com isso. A palavra *persona* sofreu, conseqüentemente, uma mudança considerável, de referir-se a uma peça de traje artístico, por denominar de papéis humanos a denominar seres humanos. Todos esses significados podem ser atestados em textos latinos e, subsequentemente, portugueses e ingleses.

Mesmo que nos faltassem esses textos, poderíamos conjeturar sobre o eventual desenvolvimento de significado ao comparar expressões como *Dez pessoas estavam na reunião, as três pessoas da Trindade* e, no caso do inglês, *He is a parson* (“Ele é padre”). Sentidos periféricos, tanto como os significados centrais, podem ser encontrados em textos produzidos na mesma época e podem servir para inferir a(s) mudança(s) de significado pelas quais uma palavra tem passado. No épico anglo-saxônico, *Beowulf*, por exemplo, o étimo de *thank* – “agradecer em inglês moderno – ocorre numa expressão composta com o sentido de “pensamento” (verso 1060, *foreþanc* “antecipou”, “previdência”. Em *Beowulf*, verso 359, a mesma expressão significa “satisfação”, “prazer”. À base de outros exemplos, podemos inferir uma mudança de significado para o verbo *þanc* de “pensamento” para “reconhecimento” (genérico) a “reconhecimento de gratidão” e finalmente para “agradecimento”. Numerosos exemplos estão disponíveis para postular mudanças de significado de textos para os quais não possuímos uma longa sequência de antecessores.

Tal como no caso de *thank*, hipóteses sobre a mudança de significado podem receber apoio por um terceiro procedimento, a comparação de elementos que exibem formas parecidas, ou seja, pela etimologia. É pouco controverso pressupor uma relação entre os verbos *thank* e *think*. A alternância vocálica é uma técnica comum na derivação de vocábulos nas línguas germânicas, tal como observamos em *drink* “beber” e *drench* “ensopar”, “encharcar”, *wind* “girar”, “enroscar” e *wend one’s way* “dirigir-se a”, e assim adiante. Portanto, podemos sugerir para *thank*, à base da etimologia, o significado mais antigo que constatamos no inglês antigo.

As inferências sobre o significado feitas à base da etimologia, entretanto, requerem cautela, porque, como já notamos noutros capítulos, as formas dos vocábulos podem sofrer modificações conforme os conjuntos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Se, por exemplo, dispuséssemos apenas da forma alemã *Sündflut* para nos referirmos ao dilúvio sobrevivido por Noé, certamente a tendência seria de relacionarmos o primeiro elemento a *Sünde* “pecado” e atribuir a *Sündflut* o status de palavra composta que descreve o dilúvio grande provocado pelo comportamento pecaminoso dos homens. Na verdade, após analisar formas mais antigas, concluímos que essa primeira etimologia é equivocada, porque o primeiro elemento da composição vem de *sin-* do alto alemão médio, cognato de *senex* “ancião” latino, que sofreu uma modificação às mãos da etimologia popular, de modo que o significado original era o dilúvio “duradouro”. Propor mudanças de significado à base da etimologia ou por semelhança formal pode, portanto, induzir a erro.

O mesmo cuidado se aplica quando tentarmos reconstruir eventuais mudanças de significado através de formas em línguas aparentadas. Seria necessário sabermos muito mais do que o fato de seu parentesco para decidirmos isso sobre o par *silly* “bobo” do inglês e *selig* “santo”, “abençoado”. No caso, a palavra alemã conserva o significado original, enquanto no par *cup* “copo” do inglês e *Kopf* “cabeça” do alemão, é a forma inglesa que é a conservadora. É possível concluirmos da comparação de formas aparentadas que diferem no que diz respeito a seu significado que uma mudança de significado ocorreu de fato. Para descobrir o caminho exato da mudança, manifestamos com confiança somente quando dispusermos de textos em que tanto o significado anterior, quanto o posterior, podem ser identificados.

Ao falar das mudanças em sistemas semânticos, para conveniência, tratamos de palavras. Na realidade, qualquer elemento morfológico pode sofrer mudança semântica. Observamos isso no

caso de afixos: *super-* em *superhomem* expressa um significado diferente de *super-* em *superstição* ou em *superestrutura*. Nos slides, vemos como o segmento *-burger* mudou bastante no que diz respeito ao seu significado. Devemos pressupor o mesmo para os morfemas que consistem de material suprasegmental, tal como os padrões de entoação. No entanto, por ignorarmos a natureza dos morfemas suprasegmentais do passado, não podemos fornecer exemplos seguros. Nesta breve introdução à mudança de significado, trataremos apenas de exemplos firmemente estabelecidos, tais como as ilustrações já proferidas no presente capítulo. Na interpretação de tais casos, debateremos a mudança semântica em relação aos processos e às causas que foram propostos para explicá-los.

3.4. OS PROCESSOS PELOS QUAIS A MUDANÇA SEMÂNTICA E A MUDANÇA LEXICAL SÃO REALIZADAS

Em artigo conhecido (1926-8: 230-71³), Meillet propõe três processos pelos quais a mudança semântica ocorre.

O primeiro dentre estes processos é mudança no contexto em que certas palavras são usadas. Uma exemplificação disso é a restrição do sentido de *pas, personne, rien, jamais* em francês. Essas palavras eram utilizadas com *ne* “não” para enfatizar a negação. Por exemplo, *pas* significava “passo”. Quando a partícula negativa *ne* foi omitida, os vocábulos auxiliares vieram a ter um significado negativo.

O segundo processo surge de uma mudança no objeto a que se refere, ou na visão do falante desse objeto. Um exemplo de uma mudança no objeto denotado é *penna* “pena”, “pluma”. Em inglês, o termo era utilizado para denominar um instrumento de escrever que solta uma tinta líquida, porém, *pen* “caneta” não significa mais “pluma” em inglês. Entre tais mudanças, Meillet classifica as que são resultado de tabus. Não é difícil listar circunlocuções eufemísticas que se referem a objetos desfavorecidos, como *aristerós* “melhor” para “[mão] esquerda” (grego), *left* (inglês) de um termo que significava “fraco” no inglês antigo; *sinister* “mais útil” em latim, que foi substituído por *gauche* em francês, que atualmente apresenta conotações negativas também. Os eslavos e os galeses substituíam tanto a colocação “comedor de mel”, “porco de mel” a fim de evitarem a palavra para “urso” que o vocábulo original desapareceu dessas línguas. Por obrigar o desuso do Tetragrama JHWH, os hebraicos acabaram se esquecendo da maneira de pronunciá-lo. Muitas palavras interditas estão restritas a serem usadas apenas em algumas situações, de modo que a palavra não desaparece totalmente da língua. Por exemplo, no célebre processo do livro *Lady Chatterley's Lover*, as tentativas de proibir a publicação do texto foram provocadas parcialmente pelo uso de um termo que era considerado tabu quando impresso, ainda que o mesmo fosse frequente na língua falada.

Tais vocábulos sob um tabu somente parcial não sofrem uma mudança em significado pelo tabu em si, tal como podemos exemplificar com a longa história das “palavras anglo-saxônicas de quatro letras”, muitas das quais podem traçar sua ascendência até o protoindo-europeu. Se, por outro lado, uma palavra sofre de ser declarada tabu sob qualquer circunstância, tal como o reflexo da palavra indo-europeia para “urso” nas regiões de língua germânica, ela pode ser eliminada. É interessante observar que essa mesma palavra ainda apresenta reflexos nos dialetos indo-europeus falando onde o urso não era um perigo presente, por exemplo, *árktos* (grego), *ursus* (latim) e *ṛkśas* (sânscrito).

A terceira base para a mudança semântica e para a mudança no componente lexical da linguagem, foi indicada por Meillet na influência de outras línguas e dialetos, inclusive os dialetos sociais. O processo pelo qual palavras são importadas por uma língua é chamado de “empréstimo”.

³ MEILLET, Antoine (1926-28). *Linguistique historique e linguistique général*. Paris: Champion.

De longe, é esse terceiro processo que exerce o maior impacto sobre o léxico dos três processos debatidos por Meillet, tal como exemplificaremos abaixo. Uma proporção muito elevada de palavras em inglês foram tomadas emprestadas do francês, embora a fonte original seja o latim ou o grego; casos paralelos ocorrem também no português. Um exemplo é “presbítero” (ingl., *presbyter* e *priest*). Originalmente um uso particular do adjetivo grego para “maior [de idade]”, “mais velho”, *presbíteros* foi incorporado à linguagem técnica dos primeiros cristãos. Ambas as formas inglesas preservam o significado especializado, além de contribuírem a uma modificação no sentido do adjetivo *Elder* “maior [de idade]”, “mais velho”. Empréstimos e mudanças lexicais como esses resultam das interações de complexos processos históricos, sociais e linguísticos. Apresentaremos alguns desses processos, exemplificando os fenômenos principalmente através de casos na história do inglês.

3.5. AS MUDANÇAS SEMÂNTICAS PRODUZIDAS PELA MUDANÇA NOS CONTEXTOS LINGUÍSTICOS

Como já notamos acima, a omissão de uma palavra pode levar a uma mudança no significado de outras palavras. Os modificadores podem ser omitidos, tal como *ne* de francês nas expressões com *pas*, de modo que, no francês coloquial moderno, só *pas* significa “não”. Outro exemplo é a palavra inglesa *undertaker* “agente funerário”. O termo significava “quem empreende algo”, “alguém que promove ativamente”. Uma tradução inglesa do salmo XXIII começa “The Lord is my undertaker”. Um contexto comum em que essa palavra era utilizada era de *funeral undertaker* “prestador serviços funerários”, “agente funerário”. A parte da expressão que se referia aos funerais foi omitida e, até que os agente funerários pensassem em uma maneira de tornar seu trabalho mais agradável ao público por meio de um novo nome, o mais frequente contexto para *undertaker* era as pessoas que ajudam com as exéquias para os defuntos. O substantivo nuclear pode ser omitido, tal como no caso de *main*, que chegou a ser usado para *main ocean*, como na expressão *Spanish Main*, que denomina a região do litoral norte da América do Sul e as partes adjacentes do Caribe. Por outro lado, *mainland* “continente” permanece uma palavra composta. De modo a exemplificar outros casos em que o nome principal foi omitido da composição, citamos *fall* “outono” (< *fall of leaves* “queda das folhas”) e *private* “soldado raso” (< *private soldier* “ibidem”).

Mudanças semânticas provocadas por tais modificações linguísticas são mais raras. Igualmente infrequentes são as mudanças que resultam de semelhanças entre certas formas. Exemplificamos com as palavras *demean* “humilhar”, “enviltar” e *presently* “logo”, “em breve”. Em inglês medieval, *demean* significava “comportar-se”, mas foi associado com *mean* “vil”, “inferior”, “mesquinho”, “tacanho” e, portanto, na linguagem moderna, o termo é um sinônimo de “rebaixar” ou “humilhar”. *Presently* “em breve”, “daqui a pouco” foi ligado à palavra *presente* “o presente”, “a atualidade” e veio a significar “agora”, “neste momento”, recebendo assim um matiz de tempo presente em lugar do tempo futuro. Embora exemplos de mudanças semânticas provocadas por influências linguísticas existam, eles são muito menos frequentes do que as mudanças que surgem por modificações na referencia ou no referente.

3.6. AS MUDANÇAS SEMÂNTICAS PROVOCADAS PELA MUDANÇA DA REFERÊNCIA OU DO REFERENTE

Os avanços científicos ou as mudanças sociais causam extensões a usos novos nas palavras. Exemplos ocorrem em praticamente qualquer área de mudança social ou científica. Conforme o índice de qualidade de vida tenha melhorado, por exemplo, a palavra *pool* (literalmente, “poço”, “lagoinha”) tem mudando de significado (atualmente a referência mais comum é “piscina”). Antes

disso, *garage* “garagem” chegou a substituir *stable* “estábulo”, “cocheira”. Em algumas regiões, o termo *landing strip* “pista de pouso” é favorecido da mesma maneira. Outros termos que se referem ao transporte aéreo tem sofrido modificações surpreendentes em seu significado. Antigamente, a palavra *plane* era encontrado principalmente em contextos científicos modestos, como *plane geometry* “geometria de planos”. A não ser que ele seja restrito pelas gerações mais novas que o desprezam à preferência de termos mais específicos, tal como *B-747*, *DC-10*, etc., essa palavra goza de uma frequência de ocorrência elevadíssima. Outros itens vocabulares empregados no mesmo ambiente linguístico, como *pilot* “piloto”, *jet* “jato”, etc., evidenciam um significado bastante diferente do que os que lhes eram associados antes da era da aviação.

Podemos citar exemplos do passado também. *Picture* era antigamente algo pintado. Hoje, podemos *take a picture* com uma máquina fotográfica ou filmar-se com uma câmera, termo esse que originalmente significava uma dependência. Para os romanos, *street* (*strāta vīa*) era a “via calçada”. Com o passar do tempo, o nome veio a designar qualquer passagem para veículos num ambiente urbano.

Podemos notar outros exemplos atuais que decorrem da expansão de uma vida mais cômoda nos Estados Unidos. A crescente mudança para os subúrbios acompanhou o aumento de prestígio para itens linguísticos que sugerem uma vida campestre fora da cidade. Loteamentos situados em *trails* “trilhas” e *lanes* “veredas”, “alamedas” se vendem rapidamente. Embora as “avenidas” fossem antigamente as grandes entradas das cidades, agora podem ser ruas ao longo das quais estabelecimentos comerciais se localizam, com o antigo significado mais favorável mantido apenas nos lugares onde um mínimo de elegância urbana permanece, tal como *Fifth Avenue* ou *Pennsylvania Avenue*. Em muitos lugares, os *trails* e *lanes*, antigamente humildes, ultrapassaram desse modo os *avenues*. O que farão os empreendedores quando todos os abastecidos morarem em *trails* e *lanes* e os ainda mais abastecidos estiverem à procura de moradias ainda mais exclusivas, fornecerá ainda novos exemplos de mudança de significado provocada por fatores extralinguísticos aos futuros estudantes de mudança semântica. É tão instrutivo, como engraçado, examinar os nomes selecionados para designar os novos empreendimentos imobiliários por uma cidade, os quais incluem termos como *hill* “colina”, *brook* “riacho” e *wood* “bosque”.

Entre as mais importantes fontes de tais influências são mudanças tecnológicas, com as mudanças resultantes nos jargões técnicos e os impactos conseguintes na linguagem em geral. Os historiadores das ideias podem dirigir-se à meteorologia e falar de um *clima de opinião*. O clima intelectual pode sofrer um *renascimento*, em que os *nervos* de comunicação fortalecidos, especialmente para aqueles que estejam *off centre*. A linguagem técnica dos esportes era largamente explorada. Em inglês, diz-se que quem quiser reunir um grupo forte deve evitar os *bush leaguers* (“amadores” < “jogadores da liga rural”, do baseball) ou as pessoas com *bias* (“preconceito” < lit., “movimento oblíquo” do boliche), se não, pode encontrar-se *out in left field* (“isolado”, “longe da ação” < lit., “posição pouco propenso para receber oportunidades de pegar a bola”, do baseball) no que diz respeito à concorrência. Mais recentemente, o jargão dos técnicos de informática viveu uma expansão, como na área de termos terminando no morfema *-ware*, p. ex., *hardware*, *software*, *courseware*, etc., até foi cunhado *wetware* para se referir ao cérebro! Quando o significado anterior ainda está o mais evidente, podemos chamar tais transferências de contexto *metáforas*. Com o decorrer do tempo, entretanto, os novos significados passam a dominar e causam a metáfora a desvanecer-se. Hoje, mal pensamos do antigo significado de *decidir* (“cortar”, “talar”) ou *detalhar* (“despedaçar”), enquanto *discutimos* (“pelar”, “descascar”) um tema.

Muitas vezes, a mudança de referência é de uma conotação serena a outra mais ativa, que corresponde à hipérbole da análise literária. *Astonish* (“deixar atônito”, “abismar”, “maravilhar”), tal como *stun* (“atordoar”) significava “ser atingido por um raio”. Na peça *King Henry the Fifth* de Shakespeare (5.1), o personagem de Gower explica a Fluellen que ele *astonished* Pistol, ao bater nele uma segunda vez. Tais mudanças parecem conduzir a um significado menos vivo, como

exemplificam os termos para consentimento veemente, tal como *certainly, sure, indeed*, os quais atualmente transmitem menos força do que *yes*. Desse modo, palavras que expressam grau, especialmente o de aspecto, tal como *fine*, que é considerado pouco mais satisfatório do que *superb, grand, perfect, magnificent* ou *great*.

Mudanças de referência são atestadas com frequência nos termos de tratamento, tal como *don, doña* do espanhol, descendentes de *dominus, domina* “senhor/-a” do latim. Em francês, *domina* se desenvolveu em *dame* e *madame*. A palavra alemã parecida, *Herr*, tal como *Mister* em inglês, mal transmite a conotação de senhorio atualmente. Vocábulo rebuscados, ao generalizar-se, passam a adotar significados que assemelham a seu contexto cotidiano. Algumas palavras, ao passar de uma indicação de inferioridade social a outra de inferioridade moral, sofreram uma mudança ainda menos favorável. Um *vilão* era antigamente um trabalhador numa *villa*. Outros termos para o trabalho rural que se desenvolveram de um modo parecido são *churl* “pessoa rude e grosseira, de baixo nascimento” < *ceorl* “homem comum”, “agricultor” e *boor* “pessoa rude e grosseira” < “agricultor”, “camponês” (compare o termo holandês *boer*, que se refere aos fazendeiros sul-africanos). Um *knave* (atualmente, “patife”, “safado”), como no nome do naipes *knave of hearts* “valete de copos”, era simplesmente um menino, vide *Knabe* “menino”, “rapaz” de alemão. Termos para se referir a funcionários e agentes governamentais também podem sofrer fados parecidos, por exemplo, *publican* (atualmente, “proprietário de um bar”) < “funcionário” e *cheater* (“enganador”, “trapaceiro”) < *escheater*, o oficial encarregado a recolher para o estado ou a coroa os bens dos que morriam sem herdeiros e sem ter feito testamento.

Algumas modificações surgem por mudanças geográficas ou culturais, antes de serem alterações inventadas por pessoas inovadoras. Quando pessoas das Ilhas Britânicas colonizaram a América do Norte, eles denominaram um tordo de peito avermelhado com o nome do *robin* que eles conheciam da Europa que apresentavam uma aparência parecida. *Holiday* (“feriado”), que significava uma festa sagrada, perdeu muito de suas conotações religiosas.

Outras mudanças seguem as atitudes dos falantes. Quando os membros de uma determinada sociedade consideram essencial utilizarem uma circunlocução para um termo tabu, eles podem mudar completamente ao novo significado. *Bear* mal é “o castanho” para qualquer falante do inglês hoje. Várias palavras mudaram em significado conforme foram introduzidas para os nomes declarados tabu para a “mão”, esquerda e direita nas línguas indo-europeias, tal como exemplificados da panóplia de palavras indo-europeias para referir-se à mão – *folm* (inglês antigo), *hástas* (sânscrito), *kheír* (grego), *manus* (latim), *rankà* (lituano), *handus* (gótico). As palavras interditas podem ser perdidas totalmente, como foi o caso do cognato de *árktos* “urso” (grego) em germânico e eslavo.

Deve notar-se que o tabu ou evitar o indizível varia de cultura para cultura e, conseqüentemente, de língua para língua. Aplicam-se à roupa em japonês, nomes de animais entre caçadores, e os nomes para funções excretórias, a morte e a divindade para muitos. Também varia com as gerações. Os falantes mais novos hoje podem abandonar o tabu nas funções excretórias. Termos raciais, como *Negro, Black, African-American* (poderíamos postular o mesmo dos termos raciais atuais no português brasileiro, tal como *negro, preto, afro-brasileiro*) ou *Mexican, Chicano*, e semelhantes, também são candidatos para ficarem tabu, com bastante variação em atitude e em uso subsequente.

Em culturas que proíbem o uso de certas palavras, tal como qualquer homófono do nome de uma pessoa falecida, o tabu pode impactar no fundo léxico de uma língua. Dessa maneira, as atitudes para com objetos, ou seja, a referência de palavras individuais, podem ser influentes em gerar mudança semântica.

3.7. A MUDANÇA SEMÂNTICA QUE RESULTA DOS EMPRÉSTIMOS

O efeito mais importante no componente semântico de linguagem é provocado pela influência de outras línguas ou dialetos, um processo chamado de **empréstimo** pelos linguistas. Os empréstimos pode ser enxergados como a difusão cultural. Ao explicá-los, procuramos identificar as condições sob as quais o ato de emprestar e tomar emprestado ocorre.

Convém-nos constatar também que existem vários tipos de empréstimo. Alguns empréstimos, os que chamamos *empréstimos*, imitam os fonemas das línguas estrangeiras de que foram tomadas. Em *poet* “poeta” do inglês, os fonemas franceses (*poète* /po.ɛt/) foram reproduzidos quase exatamente na língua inglesa. A maioria dos empréstimos recentes no inglês são desse tipo: palavras como *oxygen*, *hydrogen*, *telephone* (formas combinatórias) estão compostas de unidades vocabulares tomadas do grego, com fonemas ingleses substituídos pelos que se pressupõe ter pronunciados na língua original.

Outros empréstimos reproduzem os morfemas de uma língua estrangeira, utilizando material nativo. Exemplos disso são termos acadêmicos como *handbook*, uma tradução do latim, *manuālibus liber*, de onde vem a forma abreviada *manual* do português. Palavras geradas por tradução são os nomes dos dias da semana nas línguas germânicas: *Monday*, *Montag* = *diēs Lunae* “dia da deusa da lua”, *Tuesday* = *diēs Martis* “dia de Marte” (Tiw foi o deus da guerra germânico), etc. Tais neologismos são chamados **empréstimos traduzidos**, **empréstimos trocados** ou **calcos**. Em alemão, empréstimos traduzidos são especialmente salientes. Em lugar de tomar os componentes gregos para “ácido” e “material”, como fizeram o inglês em *oxygen* e o francês *oxygène*, o alemão os traduziu para criar o calco *Sauerstoff*. Igualmente, constatamos *Wasserstoff* “hidrogênio” e *Fernsprecher* “telefone”, e assim adiante.

Em mais um tipo de empréstimo, apenas o significado de uma unidade linguística pode sofrer mudança. No inglês antigo, *eorl* significava “guerreiro valente”. O significado atual de “conde” foi tomado do norreno antigo, *jarl*, em que a palavra indicava um nível hierárquico de nobreza. Igualmente, *dwellan* em inglês antigo significava “desviar”, “descaminhar”, “levar fora do caminho”, mas seu significado foi modificado sob a influência de *dvelja* do norreno antigo para chegar ao significado atual de “viver”, “morar”. Mudanças de significado sob a influência de línguas estrangeiras são chamadas de **extensões**.

Podemos exemplificar eventuais modificações ao notar como palavras inglesas são tratadas em japonês. A palavra inglesa *violin* /vajolin/ é reproduzida de várias maneiras, dependendo da dominação do falante da língua inglesa. Falantes sofisticados podem utilizar uma forma muito parecida quando falam japonês, ou seja, [vajorin], ainda que sua língua materna não possua /v/. A maioria dos falantes, entretanto, substituem /b/ pelo /v/ do inglês, dizendo, assim, [bajorin]. Os dois grupos reproduzem /l/ como /r/. Contudo, especialmente entre falantes inexperientes, os empréstimos exibem a substituição de unidades fonêmicas, não fonéticas, como os exemplos abaixo demonstram.

O papel da estrutura fonêmica nos empréstimos podem ser exemplificado pelo tratamento do /t/ de inglês em japonês. A consoante oclusiva [t] ocorre em japonês apenas diante de [e a o]; diante de [u], encontramos o africado alveolar [tʃ] e diante de [i j], achamos o africado palatal [tʃ]. Se uma palavra como *tank* [tæŋk] for emprestada para o japonês, o resultado é [taŋku], diferente principalmente pela vogal final obrigatória. Para *touring* [tu:ɪŋ], a versão japonesa é [tsurɪŋgu]. Para *team* e *tube*, achamos [tʃi:mu] e [tʃju:bu]. Em japonês, [t tʃ] estão em distribuição complementar. Ou seja, tratam-se de alofones do mesmo fonema. Falantes inexperientes substituem automaticamente qualquer dos alofones de /t/ conforme sua distribuição diante das vogais que os seguem em japonês.

Para exemplificarmos um tratamento diferente, podemos observar as formas de *jet* (“jato” ou “azeviche”) em japonês. Como [tʃ], [dʒ] podem ocorrer em japonês somente diante [i] e [j]. Por isso, *jib* “bujarrona” é adotado com uma pronúncia parecida [dʒibu]. Diante [e a o], por outro lado,

[z] é encontrado, em distribuição complementar com [dʒ]. Pelas referidas restrições da estrutura fonológica japonesa, a palavra *jet* foi tomada emprestada em duas variantes: [dʒiet:o] e [zet:o]. Na primeira variante, a consoante inicial é semelhante à do inglês, com modificação vocálica; na segunda variante, a segunda vogal está inalterada, mas a consoante inicial sofreu uma alteração.

Para todos os exemplos citados, um conhecimento da estrutura fonológica do japonês e do inglês para explicar as formas japonesas. É preciso reconhecer os alofones dos fonemas ingleses e suas eventuais contrapartidas japonesas. De modo a exemplificar o tratamento japonês do /s/ inglês, podemos apresentar as formas seguintes: [san.ma:so:ruto] corresponde a *sommersault* inglês (“cambalhota”); [set.to.po.zi.fon] corresponde a *set position* (a posição de prontidão do lançador em beisebol); [ʃi.ne.ma] corresponde a *cinema* [sɪ.nə.ma] “cinema”; [ʃo:ra.du.rajn] corresponde a *shoulder line* [ʃowl.də.lajn] “linha do ombro” e [su:pu] a *soup* [sup] “sopa”. As modificações que constatamos entre as formas decorrem principalmente das possibilidades permitidas pela fonotática japonesa.

A língua importadora também produz modificações morfológicas, porque os empréstimos geralmente assumem os paradigmas e padrões dos elementos nativos. Quando, por exemplo, o verbo *bask* (atualmente, “aquecer-se”, “expor-se ao sol”) foi tomado pelo inglês antigo da expressão *báða sik* “banhar-se” e *busk* (“tocar música na rua para dinheiro”) < *búask* < *búa sik* “preparar-se” do norreno antigo, as formas foram tratadas como verbos simples ingleses. Os reflexivos não combinavam com o verbo em inglês, de modo que os falantes de inglês não perceberam que os fonemas finais eram, na realidade, pronomes. É verdade que, às vezes, flexões estrangeiras podem ser mantidas, especialmente entre falantes mais sofisticados. Por exemplo, muitos substantivos foram importados ao inglês com sua flexão de plural latina ou grega, p. ex., *datum* : *data*, *colon* : *cola*, *skeleton* : *skeleta*, *maximum* : *maxima*, etc. Com a exceção dos contextos acadêmicos, tais empréstimos costumam formar seu plural conforme a mais frequente estratégia morfológica (+/-s/), exceto o primeiro exemplo, *data*, que é tratado com cada vez mais frequência como um singular, ou seja, ouve-se *this data is...* pelo etimológico *these data are.../this datum is...*

Da mesma maneira, em japonês, os empréstimos recebem marcadores gramaticais japoneses. Palavras tomadas do chinês como *kenkyuu* “estudo” foram tratadas como verbos com o acréscimo do verbo auxiliar simulado *suru* “faz” ou *shita* “fez”, ou seja, *kenkyuu shita* = “estudou”. Muitos empréstimos do inglês passaram pelo mesmo processo e seguem esse padrão formal. Por exemplo, o empréstimo lexical *taipu* (< *type* “digitar” do ingl.) também pode ocorrer com formas de *suru*. Assim, a grande quantidade de verbos tomados do inglês e do chinês podiam ser flexionados, sem obrigar os falantes do japonês a introduzir novos marcadores morfológicos e adequando os empréstimos aos sistemas gramaticais nativos.

Ademais, constata-se que expressões sintáticas tomadas emprestadas de outras línguas costumam manter-se. Por exemplo, *marriage of convenience* < *mariage de convenance* (fr.) que queria dizer “casamento para vantagem” tende a ser mal entendido atualmente por anglófonos, que analisam a expressão como “casar-se por conveniência, por motivos práticos”. Embora a frase *cela va sans dire* fosse adquirido como *it goes without saying*, nenhuma dessas expressões exerceu um impacto profundo na sintaxe da língua inglesa. Um outro exemplo de um empréstimo sintático talvez seja o favorecimento de padrões complexos de estruturação de sentenças entre o alemães como resultado do prestígio da sintaxe latina. Tal como outros empréstimos sintáticos propostos, p. ex., a transferência de classificadores numéricos do chinês para o japonês, as evidências não são definitivas. Isso porque os exemplos mais claros de empréstimos estão na esfera semântico e lexical. A seguir, no entanto, examinamos abaixo algumas evidências de que modelos sintáticos gerais podem ser afetados pelos empréstimos.

3.8. OS RESULTADOS DE EMPRÉSTIMOS SOB CONDIÇÕES SOCIAIS E LINGUÍSTICAS DIFERENTES

Várias situações na história do inglês nos fornecem com excelentes exemplos dos diferentes resultados de tomar palavras emprestadas. Estes resultados podem ser atribuídos a tipos de contato linguístico diferente, os quais produzem efeitos variados na linguagem.

3.8.1. Tomar emprestado quando uma língua de prestígio é adotada:

Os primeiros contatos intensos experimentados por falantes do germânico ao chegarem à ilha da Bretanha foi com falantes de línguas celtas, especificamente do ramo britônico dessa família. Quando o inglês antigo foi trazido do continente europeu no século V d.C., é de supor que haviam mais falantes do celta do que invasores germânicos. Entretanto, foi o inglês que sobreviveu esse contato inicial e acabou expulsando o celta da maior parte do território. Além disso, os anglo-saxões adotaram pouquíssimas palavras do celta britônico: alguns nomes comuns, como *bannock* “pão duro” e *brock* “texugo”, e uma quantidade maior de topônimos, como *Londron*, *Thames* e *Dover*. A situação linguística que resultou é parecida com a situação do inglês americano e as línguas indígenas norte americanas. Alguns nomes foram tomados: *tomahawk* (“machado”), *skunk* (“gambá”), e muitos topônimos, como *Chicago*, *Mississippi*, *Kentucky*. As duas situações eram bastante semelhantes. A partir delas, com o apoio de outros paralelos situacionais, podemos sugerir a situação típica em que poucos empréstimos lexicais são realizados.

Quando um grupo de falantes aprende uma língua prestigiosa, os indivíduos estão sob pressões sociais de adquiri-la perfeitamente. Procura-se falar a segunda língua da melhor maneira possível e evita-se transferir elementos de sua língua materna. Exemplificamos este fenômeno com o caso dos Estados Unidos durante o século XIX. Os imigrantes que vieram a América do Norte tentaram aprender o inglês corretamente. Sua própria língua, porém, costumava sofrer modificações importantes, muitas vezes exibindo transferências do inglês. Na região alemã de Chicago, uma língua misturada era chamada *die schönste Lengvitsch* “a língua mais bela”, que consistia na maior parte de estruturas alemãs cheias de empréstimos do inglês. À base da situação que acabamos de descrever, tal como as outras mencionadas acima, podemos tirar a conclusão de que falantes modificarão a língua que conhecem bem com muito mais frequência do que a língua de que têm apenas um conhecimento imperfeito.

Mais um exemplo abundantemente documentado é o caso da Alemanha durante o século XVIII. Nas cortes dos principados alemães, o francês era a língua de prestígio e os dialetos alemães era a língua da comunicação cotidiana. Frederico o Grande da Prússia considerou o alemão uma língua apropriada apenas para os camponeses. Ele escrevia com frequência em francês. Quando Frederico se exprimia em francês, ele evitava empréstimos alemães. As cartas que ele compunha em alemão, por outro lado, estão repletas de empréstimos franceses.

À base desses exemplos, dentre outros, podemos enxergar as relações entre o inglês antigo e o celta como uma situação típica de contato linguístico. O inglês antigo era valorizado como a língua de prestígio cultural. Apesar deles serem a população maior em termos numéricos, os celtas empreenderam o aprendizado do inglês, aos poucos, abandonando sua língua materna. No decorrer do tempo, isso produziu uma língua inglesa com poucos empréstimos lexicais do celta. Além dos topônimos, somente foram importados os nomes dos itens para os quais a língua dominante não dispunha de um termo facilmente aproveitável.

Conquanto não possamos apresentar nenhuma evidência para esse tipo de inter-relação linguística em situações pré-históricas, a partir dos resultados, podemos pressupor que existia em muitas áreas. Isso é especialmente pertinente para a expansão das línguas indo-europeias: do hitita na Anatólia, do grego na Península Helênica, do itálico na Península Italiana, até a difusão das línguas do ramo índico no subcontinente Indiano, embora nesse último caso tenha ocorrido bastante modificação fonológica no lado indo-europeu que resultou do empréstimo das consoantes

retroflexas do dravídico antigo, cujas descendentes ainda existem no sul da Índia, as maiores línguas da família sendo o tâmil, o canará, o malaiala e o télugo. A mesma situação se aplica à expansão do árabe, que foi adotado desde do Iraque até o Marrocos com razoavelmente pouca mudança na estrutura gramatical. Com a exceção de certas situações especiais, de que trataremos abaixo, o mesmo ocorreu na expansão dentro de um contexto de imperialismo colonial nos últimos séculos de cinco das línguas indo-europeias mais faladas na atualidade: o francês, o russo, o inglês, o português e o espanhol.

3.8.2. O tomar emprestado quando uma língua de prestígio é utilizada simultaneamente com uma língua autóctone sobrevivente:

A segunda situação típica, exemplificada pelo inglês no século XI, parece à primeira vista a ser igual à situação de contato inglês-celta do século V. Um grupo razoavelmente pequeno de invasores se apoderaram politicamente de uma população estabelecida e continuou como a classe dirigente. Porém, os resultados desta segunda situação de contato linguístico foram totalmente diferentes. Nos séculos após 1066, o francês normando era utilizado por um segmento reduzido da população, mas, com o tempo, a variedade francesa acabou sendo eliminada pelo inglês.

Explicamos esse resultado divergente observando que o tipo de contato no século XI foi completamente diferente do que ocorreu no século V. Entre os séculos XI e XIV, os falantes da língua autóctone (o inglês antigo e médio) adotavam palavras para apenas as áreas culturais nas quais eles mantinham os contatos com a classe dirigente. Para comunicar-se entre si no dia a dia, falavam sua própria língua. Exemplificamos este contato restrito ao apresentarmos as áreas lexicais em que os empréstimos foram tomados.

Um campo semântico notável foi o do governo e da administração. Uma quantidade considerável de palavras inglesas foi tomada emprestada do francês (da variedade normanda e de outras variedades), por exemplo, *council, country, crown, government, minister, nation, parliament, people, state*. Entre os títulos, *prince, duke, marquis, viscount, baron* foram tomados; apenas o título nativo *earl* foi mantido, ao lado de *king* e *queen*. Entretanto, a esposa de um *earl* é uma *countess* (“condessa”), e *count* (“conde”) é a dignidade correspondente para os nobres estrangeiros. No campo semântico relacionado da heráldica, muitos termos franceses foram introduzidos, como *gules* (“vermelho”), *sable* (“negro”), *vert* (“verde”). Ademais, a terminologia militar tomava palavras livremente: *armour, army, banner, navy, siege, war*, tal como fazia a linguagem jurídica, por exemplo, *court, crime, defendant, judge, jury, justice, plaintiff*. No mundo jurídico, algumas expressões idiomáticas francesas entraram no inglês e se mantêm até hoje, provavelmente pela longa duração do período de influência francesa nos tribunais. Embora o inglês tenha passado a ser a língua oficial do direito em 1362, o jargão conhecido como *francês jurídico* (“legal French”) perseverou entre os advogados ingleses até 1731. Entre os termos comuns que continuam na língua inglesa a frase *puis né* que significava “nascido depois/mais tarde”, “inferior”, “menor”, foi tomada emprestada como um adjetivo e sobrevive no termo jurídico *puisne judge* (um juiz de menor instância) e, de uma modo mais geral, no adjetivo *puny* (“débil”, “fraco”, “insignificante”). Além disso, alguns sintagmas ainda existem em que o adjetivo segue o substantivo que qualifica, por exemplo, *attorney general* e *malice aforethought* (“procurador-geral” e “com desígnio doloso”, respectivamente).

A diferença no status social das duas línguas pode ser vista nos contrastes lexicais do tipo *theft* (“furto”, “roubo”) – quando se tratar de um crime menos grave – e *larceny* – quando o mesmo tipo de crime for mais sério, p. ex., *grand larceny* é “furto/roubo de quantidade vultosa”.

Ainda hoje, o vocabulário culinário e para a comida reflete as relações sociais entre os normandos e seus súditos ingleses. Os animais vivos no pasto exibem nomes ingleses: *cattle - bull, cow, calf; sheep - ram, ewe, lamb; goats - billy, nanny, kid; swine/pigs - sow, boar, piglet*. Os nomes das carnes são todos franceses (com a exceção de *goat*): *beef, veal, mutton, pork, bacon*. Ademais, a

refeição mais humilde, *breakfast* (“desjejum”, “pequeno almoço”, “café da manhã”), tem um nome inglês, enquanto as mais sofisticadas *dinner* e *supper*, em que poderiam ser servidos pratos como *jelly* e *pastry* (“geleia”, “pâtisserie”), têm nomes franceses. A relação social se reflete também na terminologia dos passatempos, *sport* (< *desport*) (“diversão”), *chase* (< *chasser* “caçar”), *falconry* (“falcoaria”), *cards* (< *cartes* “cartas [de baralho]”) e *dice* (“dardos”), em que até alguns números foram adotados: *ace*, *deuce*, *tray*. Tal como com a comida, os nomes dos artesãos nos grupos inferiores são ingleses: *baker*, *fisherman*, *miller*, *shepherd*, *shoemaker*, *smith* (“padeiro”, “pescador”, “moleiro”, “pastor”, “sapateiro”, “ferreiro”). As profissões que entravam em maior contato com a nobreza vieram do francês normando: *Carpenter*, *mason*, *painter*, *tailor* (“carpinteiro”, “pedreiro”, “pintor”, “alfaiate”).

A situação geral está evidente. Invasores ocuparam as posições mais altas na hierarquia social, embora fossem numericamente uma minoria, na Inglaterra durante aproximadamente três séculos. Essa nobreza estrangeira ia sendo substituída aos poucos, porém, por bilíngues nascidos na Inglaterra e os descendentes dos invasores normandos aprendiam o inglês. A terminologia que foi introduzida à língua inglesa reflete um sistema social feudal em que havia várias distinções de classe. Concluímos que a língua de menor prestígio conseguiu se manter pela preponderância numérica e, com o tempo, pela ascendência política de seus falantes. Não obstante, a antiga língua prestigiosa deixou profundas marcas em determinados setores do vocabulário.

Observamos a mesma situação em outras regiões também. As línguas dravídicas da Índia se mantêm até hoje no sul do Subcontinente, embora elas exibam muitos empréstimos léxicos dos dialetos índicos da família indo-europeia. Na Mesopotâmia antiga, o acadiano substituiu o sumério, ainda que aquela língua semítica adotasse muitas palavras dessa antiga língua de prestígio. Quando os japoneses perceberam a mais avançada cultura chinesa na segunda metade do primeiro milênio depois de Cristo, emissários foram mandados à China que trouxeram de volta, junto com a cultura mais sofisticada, uma grande quantidade de empréstimos linguísticos. Sem embargo, o japonês foi mantido como a língua nacional.

Até um certo ponto, o tipo de contato que acabamos de descrever acima existe hoje onde quer que as ciências e a tecnologia ocidentais estiverem sendo adotadas. Palavras como *eletricidade*, *telefone*, *avião*, etc., são introduzidas como empréstimos diretos ou como decalques. Nesses casos, notamos vários paralelos com o caso do contato francês-inglês na Idade Média, em que a língua invasora/dominante deixa um impacto marcante na língua autóctone, sem substituí-la.

3.8.3. O emprestar quando as duas línguas estão do mesmo nível sociocultural

Uma terceira situação típica é exemplificada pelo contato entre o inglês e o escandinavo entre o século IX e o século XI. Os dois idiomas coexistiram lado a lado durante algum tempo, até o escandinavo desaparecer, mas, diferente do celta vários séculos antes, os dialetos escandinavos deixaram marcas profundas no inglês. Este impacto, entretanto, não foi sentido nos segmentos da cultura refinada, tal como foi a influência do francês normando posteriormente, mas se estendeu por uma ampla área do vocabulário cotidiano. De fato, no passado, vários termos militares e jurídicos de origem escandinava existiam no inglês antigo, mas poucos persistiram na língua até a variedade padrão moderna. Uma palavra desse grupo de empréstimos que permaneceu corrente, *bylaw* (“lei o regimento interno de cidade, companhia ou clube”) – *by* = “vilarejo”, “povoado”, “aldeia” – retém somente um vestígio de seu significado original.

Os empréstimos escandinavos não exibem nenhuma área específica de superioridade cultural. O termo para um eventual melhoramento arquitetural, *window* (“janela”) cujo significado literal era *wind-eye* “olho de vento”, simplesmente substituiu uma palavra anglo-saxônica mais antiga, *eagþyrel* (lit., *eye-hole* “furo de olho”; cf., *nostril* “narina” (ingl. mod.) < *nosethirl* (ingl. méd.) < *nosþyrl* (ingl. ant.), lit., “furo do nariz”). A adoção da palavra escandinava não foi acompanhada por nenhuma inovação cultural. Pouco mais podemos dizer sobre os outros empréstimos escandinavos,

p. ex., *steak* (“filé”) e *knife* (“faca”). Diferentemente do francês, o escandinavo forneceu muitos elementos ao vocabulário comum: *gift, husband, root, skill, skin, sky, wing, happy, loose, low, same, wrong, addle, call, die, drown, gape, get, give, hit, skreech, take, want*⁴. Ainda outros vocabúlos poderiam ter sido tomados, mas não podemos identificá-los com certeza, porque muitas palavras eram bastante parecidas no inglês antigo e no norreno antigo do século X.

Entre os elementos mais interessantes estão os gramaticais *they, them, their* que substituíram *hīe, heom, heora* na linguagem padrão. Nesses empréstimos, o núcleo do vocabulário foi afetado. As flexões do nome e do verbo em inglês teriam sido simplificadas pelo contato entre os dois grupos linguísticos. Propõe-se também que o tipo de contato que existia entre o inglês e o escandinavo teria sido uma das pressões na simplificação morfológica do inglês.

Tratava-se de um contraste entre duas línguas de prestígio igual. Não sabemos até que ponto os dois idiomas eram mutuamente compreensíveis e pode ser que essa questão não tenha relevância. É possível que o aspecto mais importante tenha sido que as duas línguas eram utilizadas para a comunicação no nível cotidiano. A língua com o maior número de falantes foi mantida, embora com certa simplificação estrutural.

Constatamos que uma simplificação ainda maior é evidente quando os falantes se comunicam apenas em níveis culturais muito simples. Um exemplo facilmente encontrado é o maternês. Ao usar esse estilo, falantes costumam evitar vocabúlos que beiram o gramatical, como os pronomes: *Baby like candy?* (“Nené gosta [de] bombom?”). Em enunciados ainda menos constrangidos, como *Baby go sleepee* (“Nené vai mimi”), encontramos tanto simplificação fonológica, quanto morfológica. Tal simplificação, utilizada não apenas para as crianças ao tentar expressar afeto (pensem também na maneira em que muitas pessoas falam com seu bicho de estimação), é muito parecida à que notamos nas chamadas línguas pidgin e nas línguas crioualizadas.

As línguas **pidgin** – cujo nome aparentemente é uma simplificação de *business* “negócio” no inglês pidgin chinês: [p] do chinês = [b] do inglês, [ʒ] = [z], portanto, [pizins] = [biznis] - surgem nas áreas onde as pessoas comunicam num nível muito básico. No litoral chinês, a intercomunicação nos séculos XVIII e XIX ocorria em “inglês” entre comerciantes, sempre que eles não dispusessem de outro meio linguístico. Nas ilhas do Pacífico, o motivo para a comunicação era a organização de equipes de trabalhadores. Quando tais línguas passam a ser a primeira língua de comunicação de uma comunidade, são denominadas línguas **crioulas** ou **crioulizadas**.

Na América do Sul, os descendentes de escravos fugitivos em Suriname desenvolveram uma língua crioula chamada *taki-taki* (< *talky-talky* “fala-fala”) ou *sranan [tongo]* (< *Suriname tongue* “língua surinamesa”). O *sranan* é atualmente a língua franca do Suriname, falado por aproximadamente 33.000 indivíduos. Na Colômbia, no quilombo de San Basílio de Palenque, os 3.000 habitantes falam o *palenquero* – o único crioulo de base espanhola da América do Sul. No Caribe, nas ilhas de Aruba, Bonaire, Curaçao e nas Antilhas Holandesas, fala-se outra língua crioula, o papiamentu, com uns 33.000 falantes, que inclui elementos do holandês, inglês, línguas africanas e indígenas, sobre uma base de português e espanhol. Outros crioulos de base portuguesa são faladas em Guiné Bissau e Cabo Verde e em Angola. Também há crioulos de base lexical portuguesa em Malaca (na região da Malásia e Singapura), onde se fala o *papiá kristang*. O que diferencia um pidgin de um crioulo é o status de língua materna dessa, aquela nunca é a primeira língua adquirida por um falante.

Para exemplificar as mudanças que podem ocorrer quando os falantes estão em contato num nível cultural menos sofisticado, citaremos alguns casos apresentados em Hall (1943)⁵ sobre o inglês pidgin melanésio.

⁴ *Dádiva, marido/esposo, raiz, habilidade, pele, céu, asa, feliz, frouxo, baixo, mesmo, errado, estragar-se [de ovos], chamar, morrer, afogar/afogar-se, bocejar/abrir muito a boca, conseguir, dar, bater, gritar, tomar, querer.*

⁵ HALL, Robert A. Jr (1943). *Melanesian Pidgin English: Grammar, Texts, Vocabulary*. Baltimore: Linguistic Society of America.

Durante muitos anos, o pidgin melanésio não era aprendido por nenhum falante como sua primeira língua, a não ser por algumas poucas crianças cujos pais não entendiam a língua materna do outro. O pidgin era falada por pessoas com ascendência melanésia ou papua e por europeus. Quando Papua chegou a eleger seu próprio governo, o pidgin era a única língua falada por um segmento significativo da população e, portanto, foi adotado como uma língua oficial.

Ao falar-se, esse idioma não é uniforme. Os falantes transferem os hábitos da sua língua materna à sua variante do pidgin. Os melanésios, por exemplo, podem enunciar oclusivas sonoras com pré-nasalização, ou seja, /nəbawt/ (< *about*) “sobre”, “acerca de” pode ser pronunciado como [nə^mbawt]. Alemães podem usar /tæsɔl/ “mas” (< *that’s all* “isso é tudo”) como a conjunção alemã *aber*, que corresponde a *but* e *however* em inglês.

No pidgin melanésio, o sistema sonoro do inglês sofre bastante simplificação. Não há /θ ð z ž/. Por exemplo, *this* [ðɪs] “isto/este” é [dis], *nose* [nowz] “nariz” é [nos]. Além disso, quando falam inglês pidgin melanésio, os melanésios tendem a substituir [p] por [f v]: [pinis] “já” = *finish* [fɪnɪʃ] “terminar”, [æp] “pedaço” = [haf] “metade”; [s] por [ʃ tʃ]: [masin] “máquina” = *machine* [məʃɪn] “ibid.”; [ʃ tʃ] por [dʒ]: [pitʃɪn], [piʃɪn] = [pidʒɪn] “pidgin”.

A aspiração glotal [h] também não ocorre no pidgin melanésio, por exemplo, [bi.ajŋ] “depois” < *behind* [biˈhaɪnd], e grupos consonantais podem ser simplificados pela inserção de vogais (suarabákti), por exemplo, [gəris] por [gris] “porco”.

Na morfologia, nenhuma flexão presa do inglês é atestada. No entanto, flexões presas características existem, de fato, na língua. O sufixo [-felə] (< *fellow* “sujeito”, “cara”, “fulano”) é usado como sufixo adjetival em monossílabas e com os números, por exemplo:

[disfelə haws i.bigfelə] “Esta casa é grande” (cf., *This-fellow house he big-fellow*).

[tufelə pikinini] “Duas crianças” (cf., *two-fellow pikinini*⁶).

[nədəfelə səmtiŋ] “outra coisa” (cf., [a]nother-fellow something).

Essa forma é acrescentada aos pronomes da primeira e segunda pessoa também, para formar os plurais correspondentes:

[mi] “eu”, “me” [mifelə] “nós”, “nos”.

[ju] “tu”, “você”, “te”, “o/a” [jufelə] “vocês”, “os/as”.

Alguns afixos distintivos são usados nos verbos para refletir certas propriedades morfossintáticas. O sufixo [-im] expressa a transitividade, por exemplo,

[ju fajtim pig] “Você bate no porco” (cf., *you fight-him pig*).

Um marcador predicativo é usado como um prefixo, a não ser que o sujeito seja [mi], [mifelə], [ju], [jufelə] ou [jumi] “a gente” (plural da primeira pessoa do plural inclusiva, < *you-me*), por exemplo,

[maʃɪn i-bəgərəp piniʃ] “A máquina encrencou/está quebrada/não funciona” (cf., *machine he-bugger up finish*).

Observem como o aspecto perfectivo é expresso por [piniʃ] (< *finish* “terminar”, “acabar”) e o uso da expressão inglesa coloquial *bugger up* (“se foder”) para significar “estar em pane”!

A sintaxe dos pidgins também é simples, sendo empregadas sequências de orações coordenadas com pouquíssimo ou nenhuma subordinação (embora a subordinação possa surgir na medida em que o pidgin passe a ser criouliizado).

Portanto, no pidgin melanésio, como noutros pidgins, observamos um resultado extremo do contato linguístico. Uma língua é reduzida até os elementos essenciais da comunicação, o que

⁶ Acredita-se que a palavra *pikinini* “criança” que é muito difundida entre as línguas pidgin e crioulas é de origem portuguesa, a saber, *pequeninho*.

resulta na simplificação morfológica e fonológica. Desconhecemos quantas vezes tais processos ocorreram no passado. Se os comerciantes assírios no Oriente Próximo utilizavam formas de comunicação simplificadas durante o segundo milênio antes de Cristo, ou os romanos na Gália, os hititas na Anatólia e os fenícios em seus peregrinações marítimas. Ao observarmos a simplificação estrutural nas línguas pidgin contemporâneas, podemos perguntar-nos se uma situação parecida teria conduzido à forma de inglês que atestamos depois do século X d.C., com sua perda crescente de flexões e com outras reduções semelhantes de complexidade na estrutura linguística. Porém, é importante enfatizar que não queremos sustentar que o inglês é ou era alguma vez um pidgin.

3.8.4. O emprestar entre os dialetos:

Ao apresentarmos os três tipos de contato linguístico acima, tratamos apenas com as relações de línguas diferentes entre si. Devemos pressupor, no entanto, a existência de tipos de contato semelhantes entre todas as variedades linguísticas: os dialetos diatópicos, os dialetos sociais, os dialetos técnicos e até os idioletos. Os empréstimos podem ser realizados de qualquer uma dessas variedades para qualquer outra variedade e de todas elas para a linguagem geral. Exemplificações não faltam. Nos Estados Unidos, para referir-se ao “milho comestível”, a variante setentrional *sweet corn* parecer estar se tornando a forma padrão em lugar do termo meridional correspondente *roasting ears*. O maior interesse pela música rock e jazz, muitas palavras foram adotadas pela linguagem comum da fala inculta, tal como *the blues*. Os jargões técnicas atuais introduziram tantos neologismos que é possível esquecer-nos da influência potente dessas variedades no passado. Estamos perfeitamente cientes do momento de adoção de *x-ray*, *radium*, *irradiate*, *isotope* (“raio-X”, “rádio”, “irradiar”, “isótopo”). Outras fontes em tempos antigos eram a linguagem técnica do vocabulário eclesiástico. A palavra inglesa *noon* (“meio-dia”) veio, através de *nōn* do inglês antigo, de *nona hora* (“a novena hora”), o horário das *nonas*, o serviço celebrada antigamente à três horas da tarde, mas que foi adiantado, mais tarde, para celebrar-se ao meio-dia.

O grau em que tais termos foram modificados pode ser ilustrado pelo uso da terminologia jurídica. Atualmente, para nós, *subpoena*, originalmente uma frase que significava nada mais do que “sob pena de”, pode funcionar como um verbo em inglês moderno. *Affidavit* (“depoimento juramentado”), por outro lado, um verbo latino no pretérito que significava “jurou sua fé”, é hoje um nome, tal como é *alibi* (“alhures”), um advérbio latino. Logo, tais empréstimos recebem flexões, como *caveat*, literalmente, “que tome cuidado” em latim, foi adaptado, especialmente em círculos militares, em expressões como *It was caveated all over the place*.

Embora a genética tenha mudado nossas perspectivas sobre a herança biológica, ainda mantemos a linguagem técnica da ciência medieval. Podemos escusar alguma falha dizendo *It's in my blood*. À nossa disposição, ainda referimo-nos como nosso “líquido”, *humor* em latim, porque, segundo a ciência medieval, os seres humanos continham quatro líquidos: o sangue, o flegma, a bÍlis amarela (cólera) e a bÍlis preta (melancolia). Os indivíduos com um excesso de sangue eram sanguíneos; os com muito fleuma, flegmáticos; os com muito bÍlis amarela eram biliosos ou coléricos; e os com muito bÍlis preta eram melancólicos. As pessoas cujos líquidos estavam equilibrados eram *bem-humoradas*. Seu *temperamento* era evidenciado pela ‘tecelagem’ dos humores e era indicado por sua *compleição*.

A partir de palavras como essas presentes em nosso vocabulário poderíamos reconstruir as ideias científicas medievais. Como veremos noutras aulas, tais reconstruções são altamente interessantes na área de investigação das línguas antigas.

Como os empréstimos no inglês moderno e medieval, os empréstimos adotados nos dialetos técnicos estão principalmente baseados em alguma língua erudita. Nos países de língua árabe, o árabe corânico clássico é usado muitas vezes como uma fonte. Na Índia, o sânscrito contribui ao vocabulário especializado. Nas línguas ocidentais, o latim e o grego são as fontes das terminologia técnica. Na medida em que a ciência e a tecnologia ocidentais tenham se difundido pelo mundo, a

influência linguística latina e grega não está restrita às línguas indo-europeias. Os nomes dos elementos químicos exemplificam isso. Por exemplo, a palavra para “hidrogênio” em japonês é *suiso* “substância aquosa” e “nitrogênio” é *chisso* “substância sufocante”, etc.

Muitas vezes, a tradução ou a adaptação não é literal. Em chinês e em japonês, o morfe para “eletricidade” é uma extensão do significado “raio”, “relâmpago” (*den*): assim, “eletricidade” em japonês é *denki* “espírito do relâmpago”, “telefone” é *denwa* “linguagem relâmpago”, “telégrafo” é *denpō* “reportagem relâmpago”, e assim por diante.

Ademais, tais adaptações podem não seguir as formas prestadas pelo modelo. Na terminologia da linguística, por exemplo, o sufixo grego correto para os adjetivos derivado de nomes que terminam em *-ema* é *-emático*. Portanto, *fonemático* seria o adjetivo relacionado aos *fonemas* em lugar de *fonêmico*, e assim por diante. Porém, o sufixo adjetival *-ico* é tão corrente, por exemplo, *base* : *básico*, que esse sufixo é acrescentado aos termos que terminam em *-ema*, contrário à prática clássica. As complexidades de tais formações e as atitudes dos falantes para com elas são tópicos que estudantes poderiam achar bem interessantes para investigar.

Nas línguas contemporâneas, é possível descobrir os resultados de empréstimos realizados em momentos diferentes, porém, com a mesma origem. Dessa maneira, *frail* (< *frayle* do ingl. méd.) foi tomado de *fraille* do francês antigo, que descende de *fragilis* em latim, igualmente a fonte do termo *fragile*. *Male* é de *mâle* (fr.) < *mescle* (fr. ant.) < *masculus* (lat.), cujo derivado, *masculinus*, dá origem a *masculine*, e assim por diante. Esses pares de palavras aparentadas são chamados de *alótopos*.

3.8.5. Empréstimos tomados da linguagem escrita:

Mais uma fonte contemporânea de adaptações é a linguagem escrita. As abreviações como *prof.* [profi] podem ser utilizadas como palavras plenas. Com a expansão das agências governamentais, muitos desses termos tem sido incorporados à linguagem cotidiana: [ju.nés.kòw] de *UNESCO* (*United Nations Economic, Social and Cultural Organization*) é tão conhecido quanto [nə.bí.skow] de *NABISCO* (“National Biscuit Company”) (pelo menos nos Estados Unidos!). Também nos referimos a certos países desta maneira, por exemplo [jû.ès.ès.ár] *USSR*, ou na antiga União de Repúblicas Soviéticas Socialistas⁷ [és.ès.ès.ár] – *CCCP*. A linguagem escrita se tornou uma fonte tão importante para os empréstimos desse tipo que novos nomes para organizações são geralmente inventados de modo a fornecer abreviações apropriadas.

As línguas escritas têm fornecido outras modificações à linguagem falada. Uma pequena novidade é a forma estranha *ye* para o artigo definido inglês, como no nome *Ye olde gifte shoppe* (“A loja antiga”). Essa forma surgiu do uso da letra *y* para *þ* (a letra rúnica *thorn* [θ ð]) quando a tecnologia da imprensa foi introduzida à Inglaterra no século XV. Se a forma [jij] é apenas cômico e pouco mais generalizado do que esse contexto, as pronúncias /əʃúwm/ ou /ə.ʃjúm/ para *assume*, /ʃu.wət/ ou /sjú.wət/ para *suet*, exemplificam modificações mais profundas vindas da linguagem escrita. O fonema /ʃ/ foi modificado historicamente de /sj/ e foi mantido apenas em *sure*, *assure*, *sugar* (/ʃur/, /ə.ʃur/, /ʃu.gər/), e em alguns falantes em *sumac* (/sju.mæk/ : /ʃu.mæk/) “sumagre”, enquanto a imitação da forma escrita trouxe mudança à pronúncia em *assume*, *consume*, *ensue*, *suet* (/ə.sjúm/, /kən.súm/, /ɪn.sjú/, /sjú.ət/), entre outras palavras.

As influências da linguagem escrita indicam uma atitude socialmente favorável entre os falantes para com essa modalidade. As pronúncias ortográficas, tal como /ɪn.di.jən/ ou /índ.jən/ para *Indian* (compare *Injun Joe* no romance *Huckleberry Finn* de Mark Twain e a pronúncia britânica /ɪn.dʒən/) substituíram completamente a antiga pronúncia.

Quando tais influências se exercem, o efeito de falantes individuais pode ser tão importante quanto o de dialetos variados. Com o desenvolvimento do ensino generalizado, os idioletos dos professores, por exemplo, têm exercido um efeito nas línguas durante os últimos séculos.

⁷ Portanto, o URSS [û.èrri.èssi.éssi], em português.

Modificações como esses em *assume* acima podem servir de modo a exemplificação. Qualquer um pode contribuir exemplos de seus dias escolares. Um alvo preferido em algumas escolas americanas era a palavra *aunt* “tia”. Alguns professores consideravam inelegante chamar uma parente próxima por um homônimo de um inseto (ou seja, *ant* [ænt] “formiga”). A ortografia profere uma eventual pronúncia distintiva, /ahnt/, /ɔhnt/, ou algo parecido. Um outro caso semelhante é *buoy* “boia” (/bú.ij/ no inglês americano). Aparentemente não seria apropriado sugerir que um menino (/boj/, e também a pronúncia padrão britânica) estava boiando na água direcionando o trânsito aquático. Nesse caso, as variantes ortografias – *buoy* e *boy* – forneceram um caminho para evitar a dificuldade percebida.

Os professores e os burocracias que os apoiam podem ser responsáveis para modificações ainda maiores na língua. Já que o glide decrescente alto anterior que existe em algumas variedades inglesas em Nova York, em lugar de retroflexão em palavras como *bird* e *earl* ([bɔɪd] e [ɛɪl], respectivamente), chegou a ser percebido como inferiores, todo o esforço do sistema educativo da Cidade de Nova York foi aplicado à tentativa de restaurar a retroflexão. Os professores escolares são certamente os responsáveis para privar os anglófonos americanos de uma negação na primeira pessoa do verbo auxiliar *be* que é paralelo a *isn't*, *aren't*, *wasn't*, *weren't*. Por algum motivo, a pronúncia/ejnt/ (tipicamente grafado *ain't*) parecia indigna para os graduados de um sistema educativo avançado.

Tais esforços geraram **hiperformas** nas línguas contemporâneas. Esse termo é utilizado para referir-se às tentativas à correção que se estende de maneira errônea. Jovens de Brooklyn que são ensinados a modificar seu /bɔɪd/ nativo para a pronúncia /bɔɪd/ (*bird*) podem estender o que aprenderam a palavras como /boɪd/ em *Boyd* (sobrenome) ou /ɔɪl/ em *oil* “óleo”, e enunciar essas palavras como homófonos de *bird* e *earl* (ou seja, /bɔɪd/ e /ɛɪl/, respectivamente). Jovens alemães que falam dialetos em que não existem vogais anteriores arredondadas podem acabar arredondando vogais em que o fenômeno do arredondamento não se apresenta na língua padrão. Ensinados a mudar [fɪlə] a [fýlə] em *Fülle* “abundância”, também podem alterar a vogal em *bilden* [bɪldən] “cultivar” a [býldən]. O uso de tais hiperformas é chamado *gebildetes Deutsch* (note a troca de ü [y] para a vogal padrão i [ɪ], ou seja, a ortografia correta é *gebildetes*). Tais modificações podem ser introduzidas sem a participação de um professor ou do sistema escolar. O estímulo é geralmente um desejo de falar como os indivíduos considerados sofisticados e prestigiosos, tipicamente moradores nas cidades, de onde vem o termo alternativo para o fenômeno: **hiperurbanismo**.

Ademais de ilustrar as influências conflitantes que resultam dos contatos entre dialetos diferentes, as hiperformas exemplificam os efeitos da analogia. Se alguém aprende a substituir *I* (“eu”) para *me* (“me/mim”) em contextos como *It wasn't me* (“não fui eu”) e de dizer *It was not I*, é possível que a regra seja ampliada e a pessoa diria *with Mary and I* (“com a Maria e eu”) em lugar de *with Mary and me*, em que a presença da preposição *with* justifica o uso da forma oblíqua do pronome. Essa hipercorreção no uso de *I* por *me* foi ensinado como o padrão prestigioso e, tal como foi exemplificado, seu uso vai se ampliando. Weinrich, Labov e Herzog avaliam as hipercorreções como “an important mechanism in the transmission of prestige patterns” (1968: 181). Como vimos nesta seção, isso é apenas um dos processos pelos quais os empréstimos ocorrem nas línguas.

3.9. A IMPORTÂNCIA DOS EMPRÉSTIMOS PARA A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Sejam os empréstimos espontâneos ou sejam induzidos, esse processo constitui uma das influências mais importantes nas línguas. Ao usarmos a linguagem, um de nossos objetivos é de nos comunicarmos de um modo que consideremos e que outros considerem adequado. Para atingirmos a comunicação mais eficiente, modificamos constantemente nossos sistemas fonológicos, morfológicos e sintáticos, tal como nosso vocabulário à linguagem de nossos pares. Se quisermos

impressionar nossos colegas linguísticos, podemos tomar emprestadas as palavras que eles usam ou podemos imitar seus padrões gramaticais. Se eles preferirem uma forma verbal plural com *data*, podemos usar *the data are...* Se preferirem as pronúncias ortográficas /líteratjùr/ e /néjtjùre/ – em lugar de /lítritšə/ e /néjtšə/ – para *literature* e *nature*, então podemos adotar aquelas variantes. Também é possível que sejamos considerados antiquados, se não adotarmos as mais novas extensões semânticas para certos termos.

Em seu influente trabalho de 1968⁸, Weinreich, Labov e Herzog repetiram à ênfase os efeitos sobre a mudança linguística dos vários subsistemas encontrados em qualquer língua. Os pioneiros da sociolinguística procuraram identificar também precisamente *como* a linguagem muda. Na sua referida tentativa, os investigadores pressupuseram um modelo da linguagem que consiste em “níveis discretos” que coexistem dentro de uma comunidade de fala e os quais contêm “variáveis intrínsecos”. Entre os variáveis estudados pelo trio são as características fonológicas, tal como a posição do fonema /r/ na fala de New York City, e características sintáticas, tal como o uso da cópula *be* na fala de jovens negros nas cidades setentrionais dos Estados Unidos.

Um dos processos mais importantes identificados por Weinreich, Labov e Herzog na mudança linguística é o **encaixamento** da mudança, tanto na estrutura de uma determinada língua, como na estrutura social da sociedade que usa essa língua. Por exemplo, tem-se asseverado sobre a ausência do verbo copular *be* na fala de crianças negras. Labov demonstrou que tal cópula não está ausente da sua gramática (1969: 715-62⁹). Por exemplo, *is*, a forma da cópula deletada com a maior frequência, é encontrada nas suas sentenças enfáticas, como *He is an expert* (“Ele é um especialista mesmo”)¹⁰. De modo a melhorar nossa compreensão da mudança linguística, informações exatas, tal como as apresentadas por Labov, são fundamentais. Assim, a seguir, a significância social do variável sob investigação, tal como a presença ou ausência de *be*, deve ser examinada. Após compreender o tipo de encaixamento na estrutura linguística e na estrutura social, a mudança poderá ser debatida com confiança.

Não obstante, tais informações não fornecem a resposta à pergunta da origem da mudança linguística. Weinreich, Labov e Herzog atribuem a mudança à difusão de um traço variante. Por exemplo, se, num dado subgrupo de falantes, uma variante vozeada de /-t-/ intervocálico começasse a difundir-se, e se tal inovação fosse adotada amplamente, reconheceríamos uma mudança linguística. Na medida em que outros grupos adotarem um tal variável, ou seja, [d] intervocálico em lugar de [t], isso muda de status e passa a ser um *constante*, em lugar de um *variável*. Nessa altura, a mudança é considerada uma mudança linguística terminada, completada. A origem da mudança sido é tida como a situação nos dialetos variáveis de uma comunidade de fala contemporânea.

Uma semelhante explicação para a “atuação” de mudanças linguísticas se aplica às complexas sociedades atuais, as quais estão compostas de falantes heterogêneos, como os numa grande comunidade compósita, tal como Nova York ou São Paulo, onde falantes de muitas regiões e classes sociais se misturam intensamente e constantemente. Entretanto, as mudanças sonoras ou outras mudanças linguísticas no passado não precisaram ser “atuadas” dessa maneira. A comunidades bem menores do passado, como a comunidade de fala protogermânica, certamente eram muito mais homogêneas do que são as grandes comunidades urbanas de hoje. Tais pequenos grupos antigos podem ser comparados melhor com a comunidade de Charmey estudada por Gauchat e Hermann. Até nessas comunidades compactas, podemos compreender melhor a linguagem se reconhecermos uma pluralidade de possíveis causas para a mudança linguística.

⁸ WEINREICH, Uriel, LABOV William, HERZOG Marvin I. (1968). “Empirical foundations for a theory of language change”, in Winfred P. LEHMANN & Yakov MALKIEL (eds.), *Directions For Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 95-195.

⁹ LABOV, William (1969). “Contraction, deletion and inherent variability in the English copula”, *Language* 45: 715-62.

¹⁰ O contraste é com *He an expert*, que expressa o valor afirmativo neutro de “ele é um especialista”.

Além das mudanças atuadas pela variação linguística, podemos pressupor que as mudanças são provocadas pela estrutura de uma determinada língua. Sistemas sonoros ou sistemas sintáticos aberrantes podem sofrer modificações, tal como foi notado alhures. Yakov Malkiel atribuiu algumas mudanças sonoras aos conjuntos morfológicos (vide Lehmann e Malkiel, 1968: 21-64).

Mais uma possível causa da mudança pode encontrar-se na imaginação humana. Falantes podem cansar de expressões transmitidas de geração em geração, como o comportamento dos poetas evidencia. Na fala cotidiana, o desejo de inovar é especialmente evidente nos termos de afeto e de avaliação. A ingenuidade de falantes individuais deve, porém, ser aceita de um modo geral e seus novos padrões devem ser adotados para gerar uma mudança significativa numa comunidade linguística.

De fato, Van Helmont acrescentou a palavra *gas* à sua própria língua e a outros idiomas. No entanto, uma outra palavra por ele proposta, *blas* para significar “emanação estelar” foi um fracasso. George Eastman introduziu *Kodak* como uma criação proposital, após notar as restrições sobre a ocorrência da letra *k* na ortografia inglesa. Outros comerciantes o seguiram, introduzindo nomes como *Kix* para flocos de cereal, *Krax* para biscoitos, *Klenso* para sabonete, mas essas formas afetaram principalmente os traços externos da língua inglesa. Igualmente, quando Murray Gell-Mann usou a palavra *quark* do livro *Finnigan’s Wake* de James Joyce para denominar partículas subatômicas elementares, o efeito foi limitado a essa única palavra. Para mudanças linguísticas importantes se realizarem, fatores sociais e fatores linguísticos são envolvidos.

Explicações para as mudanças devem servir-se de ambos fatores. Afortunadamente, bastante atenção está sendo aplicada novamente à mudança linguística. As investigações que resultam desse interesse renovado nos levará a compreender o desenvolvimento das línguas no passado e da linguagem como um fenômeno geral.